

DESAJUSTADOS NO MUNDO: MUDANÇA CULTURAL ATRAVÉS DE PRÁTICAS CULTURAIS ALEIJADAS

ELIZA CHANDLER¹

LISA EAST²

CARLA RICE³

RANA EL KADI⁴

Tradução e revisão:
Larissa Pelicer e Sílvia Martins

RESUMO

Baseadas na nossa participação em artes S/surdas, deficientes e loucas da América do Norte (Ilha Tartaruga), este artigo apresenta e explora como as “práticas culturais aleijadas”, práticas culturais nascidas da cultura da deficiência que centralizam as pessoas com deficiência e nossa política, contribuem para atos de construção de mundos. Começamos com uma descrição de como os primeiros dias da pandemia serviram como uma disrupção cultural que nos desafiou a pensar sobre como nos reunimos nas artes e na cultura. Em seguida, oferecemos uma breve revisão de como os estudos sobre deficiência e o ativismo sobre deficiência criticam a normalidade. Considerando como as organizações artísticas e culturais responderam às medidas de saúde pública da Covid-19, argumentamos que o setor falhou amplamente em buscar a “sabedoria aleijada” (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016), impedindo a transformação de práticas pandêmicas temporárias em práticas culturais aleijadas sustentáveis. Terminamos com alguns exemplos-chave que demonstram como as práticas culturais aleijadas gesticulam em direção a mundos aleijados necessários para a sobrevivência das pessoas com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE

Artes da deficiência; Práticas culturais aleijadas; Covid-19; Criação de mundos; Necropolítica.

MISFITS IN THE WORLD: CULTURE SHIFTING THROUGH CRIP CULTURAL PRACTICES

ABSTRACT

Drawing on our participation in D/deaf, disability, and mad arts in North America (Turtle Island), this paper introduces and explores how “crip cultural practices”, cultural practices born out of disability culture that centre disabled people and our politics, contribute to micro acts of world-making. We begin with a description of how the early days of the pandemic served as a cultural disruptor that challenged us to think about how we gather in arts and culture. Following this, we offer a brief review of how disability studies and disability activism critiques normalcy. Considering how arts and cultural organizations have responded to COVID-19 public health measures, we argue that the sector has largely failed to seek out “crip wisdom” (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016),

¹ Toronto Metropolitan University.

² Toronto Metropolitan University.

³ University of Guelph.

⁴ Toronto Metropolitan University.



preventing the transformation of stop-gap pandemic practices into sustainable crip cultural practices. We end with a few key examples that demonstrate how crip cultural practices gesture towards crippled worlds necessary for disabled people's survival.

KEYWORDS

Disability arts; Crip cultural practices; COVID-19; World-making; Necropolitics.

INADAPTÉS DANS LE MONDE: CHANGEMENT CULTUREL À TRAVERS LES PRATIQUES CULTURELLES DISCAPACITÉES

RÉSUMÉ

Sur la base de notre engagement dans les arts pour les sourds, les personnes handicapées et les personnes atteintes de troubles mentaux en Amérique du Nord (Turtle Island), cet article présente et explore comment les "pratiques handiculturelles", issues de la culture du handicap et centrées sur les personnes handicapées et notre politique, contribuent à des micro-gestes de construction du monde. Nous commençons par une description de la manière dont les premiers jours de la pandémie ont été une perturbation culturelle telle qu'elle nous a poussés à réfléchir à la manière dont nous nous retrouvons dans les arts et la culture. Ensuite, nous proposons une brève revue de la manière dont les études sur le handicap et le militantisme en faveur des handicapés critiquent la normalité. En considérant comment les organisations artistiques et culturelles ont réagi aux mesures de santé publique liées à la Covid-19, nous argumentons que le secteur a largement échoué à rechercher la "sagesse du handicap" (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016), empêchant ainsi la transformation des pratiques pandémiques temporaires en pratiques culturelles handicapées durables. Nous terminons par quelques exemples clés qui démontrent comment les pratiques culturelles handicapées tendent vers des mondes handicapés nécessaires à la survie des personnes handicapées.

MOTS-CLÉS

Arts du handicap; Pratiques culturelles discapacitées; COVID-19; Création de mondes; Nécropolitique.

DESAJUSTADOS EN EL MUNDO: CAMBIO CULTURAL A TRAVÉS DE PRÁCTICAS CULTURALES CRIP

RESUMEN

Basándonos en nuestra participación en las artes de personas sordas, discapacitadas y locas de América del Norte (Isla Tortuga), este artículo presenta y explora cómo "las prácticas culturales crip", prácticas culturales nacidas de la cultura de la discapacidad que ponen en el centro a las personas con discapacidad y nuestra política, contribuyen a la construcción de mundos. Comenzamos con una descripción de cómo los primeros días de la pandemia sirvieron como una interrupción cultural que nos desafió a pensar en cómo nos reunimos alrededor de las artes y la cultura. A continuación, ofrecemos una breve revisión de cómo los estudios sobre discapacidad y el activismo en torno a la discapacidad critican la normalidad. Considerando cómo las organizaciones artísticas y culturales respondieron a las medidas de salud pública de la Covid-19, argumentamos que en su mayoría el sector falló al buscar la "sabiduría crip" (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016), impidiendo la transformación de prácticas pandémicas temporales en prácticas culturales crip sostenibles. Concluimos con algunos ejemplos clave que demuestran cómo las prácticas culturales crip apuntan hacia mundos discapacitados necesarios para la supervivencia de las personas con discapacidad.

PALABRAS CLAVE

Arte de la discapacidad; Prácticas culturales crip; COVID-19; Creación de mundos; Necropolítica.

Baseadas na nossa participação contínua nas artes da deficiência, especificamente na América do Norte (Ilha Tartaruga), este artigo contribui para as discussões disciplinares de como as comunidades da deficiência assumem a acessibilidade como uma prática política e relacional. Atentamos às formas específicas pelas quais as práticas de acessibilidade nas artes, particularmente durante a pandemia, têm o potencial de transformar a cultura de acordo com a política antiassimilacionista das pessoas com deficiência (HAMRAIE, 2017, p. 8). Começamos destacando brevemente os estudos da deficiência, dos S/surdos e loucos e as críticas das comunidades aos apelos para “retornar à normalidade” durante a pandemia como uma forma de superar essa emergência de saúde global. Essa reivindicação revela quão profundamente a cultura normativa está enraizada em sistemas, estruturas e práticas de normalidade, incluindo formas de relacionamento, que são construídas sobre o capacitismo. Destacamos os esforços acadêmicos e ativistas para desenvolver e preservar práticas culturais que priorizam a deficiência em vez de retornar à normalidade, práticas que devem ser mantidas em vez de servir como medidas paliativas. Voltando o foco para as artes e práticas culturais para deficientes, apresentamos o conceito “práticas culturais aleijadas”, uma práxis que reúne a noção de “misfit” [desajustado] de Garland-Thomson (2011), o conceito de “crip wisdom” [sabedoria aleijada] de Lakshmi Piepzna-Samarasinha (2016), o enquadramento de Hamraie (2017) do “critical access” [acesso crítico] em diálogo com as práticas inovadoras da cultura da deficiência para fazer arte. Trabalhando com exemplos de performances relaxadas (RPs) (LAMARRE *et al.*, 2019; 2020; 2021; RICE *et al.*, 2021b; JONES *et al.*, 2021b; JONES *et al.*, *aceito*) e festas dançantes de acessibilidade remota (GOTKIN *et al.*, 2020), terminamos com uma discussão de como as práticas culturais aleijadas representam micropolíticas e atos de construção de mundos que podem, ou não, influenciar mudanças sistêmicas de base ampla, e que são necessárias para nossa sobrevivência como desajustados.

Para muitas pessoas S/surdas, loucas e deficientes⁵, interromper a cultura normativa é necessário para nossa sobrevivência. Tais rupturas intencionais remetem às formas como as pessoas com deficiência são narradas e tratadas como descartáveis dentro da própria cultura que, por vezes, busca nos assimilar por meio de projetos despolitizados de inclusão (KOVESI, 2019; RICE *et al.*, 2015; RICE *et al.*, 2021a; WILLIAMSON, 2019). Resistindo à assimilação, as pessoas com deficiência muitas vezes consideram o “desajuste” entre nossos corpos, mentes, sentidos e emoções e o mundo dos ambientes, instituições e sistemas construídos como uma

⁵ A partir de agora, nos referimos a comunidades de S/surdos, loucos e pessoas com deficiência usando a linguagem própria da identidade “pessoas deficientes” e “pessoas com deficiência” como termos abrangentes para fins de legibilidade. Usaremos termos específicos para nos referir a S/surdos ou comunidades loucas, conforme necessário.

oportunidade para a construção de outros mundos (GARLAND-THOMSON, 2011; HENDREN, 2020; RICE *et al.*, 2021a; RICE *et al.*, 2021e; RICE *et al.*, no prelo). A ideia de “desajuste” de Garland-Thomson (2011) “elabora uma compreensão feminista e materialista da deficiência, estendendo uma consideração de como as particularidades da corporeidade interagem com o ambiente em seu sentido mais amplo, para incluir seus aspectos espaciais e temporais” (p. 591). Ela continua, “a dinâmica inter-relacionada de ajuste e desajuste constitui um aspecto particular da construção do mundo envolvido no devir material-discursivo” (p. 591). Hendren (2020) mobiliza o conceito de Garland-Thomson para explorar como as incorporações deficientes e a maneira como nos desajustamos em um mundo que não foi construído para nós ocasiona uma oportunidade de imaginação e inovação. Hendren argumenta que atender à dinâmica do desajustado por meio da colaboração e do design coletivo pode levar à produção de objetos de tamanho único, como um pódio construído para a curadora Amanda Cachia, Uma Pessoa Pequena (2020, p. 20), ou o projeto de espaços S/surdos, como assentos para facilitar a comunicação de sinais em um dormitório na Gallaudet University (2020, p. 17). Seguimos Garland-Thomson e Hendren juntamente com a crítica de Mingus (2011) ao apelo da inclusão, em vez da crítica à normalidade, para pensar com a potencialidade de “práticas culturais aleijadas” que emergiram da comunidade de pessoas com deficiência durante a pandemia como micro atos de refazer o mundo.

Parte de como respondemos ao desajuste é através da conceituação, prática e “construção de acessibilidade” (HAMRAIE, 2017). Diferente de assumir a acessibilidade como uma preocupação logística direta, as comunidades artísticas para deficientes envolvem o acesso por meio da práxis iterativa de criar e sustentar práticas culturais inovadoras que apresentam pessoas com deficiência e nossa política em espaços públicos e privados (CHANDLER *et al.*, 2021; COLLINS *et al.*, 2022; HAMRAIE, 2017; JONES *et al.*, 2021b; JONES *et al.*, aceito; PAPALIA 2018; RICE *et al.*, 2021c). Conforme discutimos aqui, quando tomado como um processo relacional, o acesso ajuda a nos engajar em uma micro-criação de mundos que pode não mudar o mundo atual ou criar um novo, mas ainda assim é necessária para nossa sobrevivência. Por “criação de micromundos” queremos dizer instâncias materiais onde as necessidades de acessibilidade, sonhos e intimidades são realizados apesar de um ambiente capacitista. Como escritores indígenas, tal qual Leanne Betasamosake Simpson (Mississauga Nishnaabeg) (2017), descreveram, práticas cotidianas, como emoções, experiências incorporadas, formas de fazer conhecimento, realidade e relacionamentos e construir acessibilidade, (re)encenam e (re)codificam nossas visões de mundo, materializando nossos valores e sistemas de conhecimento. Dependendo das nossas visões de mundo, tal promulgação e codificação podem

reproduzir a hegemonia, como é o caso quando a acessibilidade é praticada de forma a tentar suavizar as diferenças que a deficiência cria. No entanto, quando repensamos e refazemos o cotidiano por meio da práxis crítica que emerge de uma linhagem de movimentos descolonizadores, abolicionistas, transformativos, feministas e de justiça para deficientes, as visões de mundo podem se tornar locais ricos para práxis decoloniais — e acrescentamos, aleijadas — em que todos os dias as práticas tornam-se atos de micropolítica. Por exemplo, quando praticamos a acessibilidade por meio de um compromisso com a ruptura, em vez da “inclusão” — com o que queremos dizer processos organizacionais que meramente toleram a deficiência e a diferença sem exigir mudanças em suas condições mais amplas de incapacidade e negação da diferença (JONES *et al.*, 2021b; JONES *et al.*, em revisão; SHANNON, 2020) — esta [a acessibilidade] pode ser usada para refazer o mundo, mesmo que fugazmente, em vez de confirmar o valor hegemônico e os sistemas de conhecimento (RICE *et al.*, aceito em 2022). Nossa noção de “micro-criação de mundos” também é guiada pelo argumento de Klein e Noeth (2011) de que o “mundo” não é fixo nem dado, mas está em constante processo de criação, “feito quando ações e linguagem trazem [novos] significados e novas materialidades” (p. 8). A criação do mundo, eles afirmam, não se refere a “um mundo”; em vez disso, “maneiras diferentes de criar mundos provocam mundos diferentes e interligados” (p. 8).

PRATICANDO A NORMALIDADE DURANTE A PANDEMIA

O fim do mundo é um começo.
Saidya Hartman, 2020

Quando o mundo mudou aparentemente da noite para o dia em março de 2020, muitas pessoas com deficiência na comunidade canadense de artes para deficientes tiveram uma reação compartilhada. De repente, em meio a uma crise global de saúde e temores de um sistema de saúde sobrecarregado, nossa vulnerabilidade aumentou. Como pessoas com deficiência, cujas necessidades de acessibilidade não satisfeitas são frequentemente deixadas de lado com a declaração vazia e sempre adiada de que “a mudança leva tempo”, prestamos atenção à rápida mudança cultural que ocorreu — da qual participamos - após os isolamentos e protocolos de segurança. De repente, por exemplo, tornou-se possível, até mesmo obrigatório, trabalhar em casa ou fazer um book tour virtual quando previamente pessoas deficientes foram informadas de que essas modalidades não eram viáveis. À medida que a pandemia do Covid-19 avança e seu fim é difícil de prever, muitas pessoas deficientes e marginalizadas estão pensando profunda e colaborativamente sobre como podemos mobilizar a “sabedoria aleijada” aqui, no “fim do mundo”, para criar um novo começo (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016;

HARTMAN, 2020). A pandemia, como muitos observaram, está revelando em grande escala pública as desigualdades que muitos de nós enfrentamos em particular e em comunidade. Apesar dessas revelações, uma cobrança imprudente para “voltar ao normal” reverbera no discurso público (BRAND 2020; CALDWELL, 2021). Oferecendo uma crítica inicial a esse desejo, a romancista e ex-poeta laureada da cidade de Toronto, Dionne Brand (2020, 4 de julho) escreveu: “Nunca usei [a palavra normal] com confiança em primeiro lugar; agora acho nocivo. A repetição de 'quando as coisas voltarem ao normal' como se aquele normal, não estivesse em disputa” (n. 2).

A normalidade tem sido uma noção controversa nos estudos da deficiência e no movimento de justiça da deficiência. Davis (2017), Titchkosky e Michalko (2009) e outros estudiosos da deficiência chamam a atenção para como a legitimação da normalidade requer a construção de seu oposto, anormalidade, uma categoria social que muitas vezes é preenchida por pessoas com deficiência junto com outras que personificam diferença, como pessoas racializadas ou idosas. Em sua definição fundamental de capacitismo, Kumari Campbell (2008) articula como a dinâmica entre normalidade e anormalidade produz uma compreensão da deficiência como um “estado diminuído de ser humano” (p. 44), um enquadramento que justifica a discriminação, as barreiras sancionadas pelo estado, e a violência (por exemplo, a falta de moradia acessível) e, como a pandemia revelou a distribuição desigual de oportunidades de vida (IGNAGNI *et al.*, 2021; RICE *et al.*, 2022). Por exemplo, como muitos ativistas da deficiência, justiça racial e contra a gordofobia observaram, os protocolos de triagem estabelecidos em hospitais para tratar pacientes com Covid-19 grave revelam como algumas vidas são valorizadas em detrimento de outras (HEDDLES, 2020; FINOH, 2020; LUNSKY, 2021; RICE *et al.*, 2021c). Oferecendo um exemplo particularmente hediondo, embora infelizmente não incomum, da biopolítica do Covid-19, Brown (conforme citado em Heddles, 2020) relata casos em que respiradores pessoais foram retirados de usuários deficientes e dados a pacientes não deficientes do Covid-19 durante a escassez de respiradores em hospitais no Texas, Estados Unidos.

Dentro da comunidade de pessoas com deficiência, a discriminação, as barreiras e as violências da normalidade são atenuadas por experiências diferenciais de raça, classe, gênero e colonialismo. Uma lente interseccional esclarece as maneiras como a deficiência está em diálogo com as outras identidades que incorporamos e vivemos (CHANDLER, 2019; RICE *et al.*, 2015). Alguns exemplos disso são encontrados em como o racismo sistêmico histórico e contínuo e os abusos médicos vivenciados por “mulheres negras desfavorecidas, marginalizadas, loucas e escravizadas” levaram a uma desconfiança no sistema de saúde e a barreiras aos serviços

(SWAIN, 2019). Também podemos pensar em como o colonialismo criou condições para “a imposição de regimes políticos e econômicos pelos colonos [...]” (p. 17–20), e como nestes tempos de pandemia, algumas pessoas com deficiência permanecem em isolamento contínuo (LUNSKY, 2021; RICE *et al.*, 2021c), enquanto outras são desproporcionalmente colocadas em maior risco porque são incapazes de se isolarem por ordens de saúde pública devido a moradia precária ou sua condição de “trabalhadores essenciais” (NUNEZ *apud* McRUER, 2021). Como esses exemplos demonstram, atentar para as diferenças de experiências e chances de vida e morte que as pessoas com deficiência têm através das lentes da interseccionalidade significa reconhecer que apelar para a normalidade sempre significará deixar muitas pessoas com deficiência para trás. Em uma crítica contundente à normalidade, Mingus (2011) escreve: “Precisamos pensar na acessibilidade com uma compreensão da justiça da deficiência, afastando-nos de um modelo baseado na igualdade 'nós somos como você' para um modelo de deficiência que abraça a diferença, confronta o privilégio e desafia o que é considerado 'normal' em todas as frentes. Não queremos simplesmente nos juntar às fileiras dos privilegiados; queremos dismantelar essas fileiras e os sistemas que as mantêm” (parágrafo 5).

Atualmente, final de 2022, vivemos um momento em que os impactos violentos que acompanham um desejo de normalidade são particularmente agudos. Para nos situarmos temporalmente, durante os primeiros meses da pandemia começamos a pensar nas possibilidades de “ruptura da normalidade” que as medidas de saúde pública poderiam ter introduzido. Ao lado dos nossos reais anseios e ansiedade sobre como a necropolítica aleijada (IGNAGNI *et al.*, 2021; RICE *et al.*, 2022) pode ocorrer na pandemia, esperávamos que as práticas culturais que muitas galerias de arte e centros culturais tradicionais estavam veiculando, como as transmissões ao vivo, os eventos gratuitos e outras práticas que tornam as artes mais acessíveis às nossas comunidades, seriam sustentadas. Agora, mais de dois anos depois, nosso otimismo está diminuindo. No momento em que escrevo, o exemplo mais recente de demanda pública para “voltar ao normal” no Canadá foi o celebrado e financiado *Truckers Freedom Convoy*, de direita, que ocupou por várias semanas a capital do país, Ottawa, e as áreas ao redor dos prédios do parlamento federal. O chamado *Freedom Convoy* também ocupou a *Ambassador Bridge*, uma importante artéria canadense-americana de comércio e transporte entre Windsor, Ontário e Detroit, Michigan, entre 29 de janeiro e 21 de fevereiro de 2022 (MUSSELL, 2022). A liderança branca do *Convoy* reuniu seus apoiadores, em sua maioria brancos, muitos dos quais expressavam ou se associavam a visões racistas e supremacistas brancas, fazendo reivindicações que igualavam “liberdade” aos interesses de pessoas brancas, masculinas e não deficientes e apagavam os danos contínuos dos mandatos de retirada da obrigatoriedade do uso de máscaras

para as comunidades deficientes, negras e idosas (DYSART, 2022; LENNARD, 2022). Essas ocupações esclarecem que, neste momento da pandemia, o impulso político para voltar ao normal é eugênico, quase certamente continuará a isolar as pessoas com deficiência e deixá-las morrer (KELLY *et al.*, aceito; KELLY *et al.*, 2021; FOUCAULT, 1978). Embora a mídia enquadrasse essas ocupações como disruptivas e marginais, as políticas públicas logo seguiriam o exemplo. Menos de um mês depois que o *Convoy* foi removido de Ottawa, o governo provincial suspendeu o uso de máscara e as restrições de capacidade de pessoas. Em graus variados, organizações e instituições, inclusive as do setor cultural, estão abandonando as medidas de proteção, muitas das quais também eram práticas de acessibilidade, como demonstração de sua pressa em voltar à normalidade.

Notamos que esse desejo de normalidade é evidenciado nas escolhas estéticas quando vemos as pessoas jogarem fora suas máscaras, arrancarem os adesivos de distanciamento social fixados no chão e colocarem placas em frente aos prédios de escritórios anunciando que é hora de substituir nossas calças de moletom por traje 'profissional'. Como membros de comunidades de deficiência que investem na noção de Ranciere (2004 *apud* CHANDLER *et al.*, 2018) de que a estética reflete o mundo e o gesticula em direção a novos arranjos, estamos interessados em como essas decisões estéticas podem prever tolerâncias futuras sobre lembretes sensoriais de doenças, incluindo lembretes na forma de pessoas com deficiência, estéticas e práticas culturais aleijadas (CHANDLER *et al.*, 2018). Em larga escala, a pandemia revelou o quão profundamente a cultura normativa investe em sua própria reprodução e, subseqüentemente, a vulnerabilidade e efemeridade da criação do mundo em grande escala sob o capitalismo tardio, que atua sobre os Estados para consolidar as relações de poder das quais se beneficia. Nessas condições, a micropolítica de criação de mundos pode ser nossa melhor e única esperança de decretar a transformação cultural, mesmo que fugazmente, a serviço de nossa sobrevivência ao apocalipse (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016). De fato, semelhante ao termo “sobrevivência” do pesquisador Anishinaabe Gerald Vizenor (2008) para significar o trabalho criativo dos artistas indígenas de sobreviver e resistir ao apocalipse colonial em curso, podemos considerar as comunidades deficientes como engajadas em nossa própria práxis artístico-ativista de “sobrevivência”, aquele que cria micro-mundos.

ACESSANDO AS ARTES DURANTE A PANDEMIA

Nosso interesse em como nós, os desajustados, praticamos a acessibilidade como atos de criação de micro-mundos aleijados se concretizou no início da pandemia, quando começamos nosso projeto de pesquisa engajado na comunidade com financiamento público, *Accessing the*

arts: Centring disability politics in access and design (ATA) [Acessando as artes: Centralizando políticas de deficiência em acesso e design] (PI Author A). Concebido antes da pandemia e trabalhando com a afirmação de Hamraie (2017) de que o acesso pode ser praticado criticamente e ser objeto de crítica, o ATA propôs trabalhar com artistas com deficiência, curadores e entusiastas da arte para explorar como as práticas de acesso mudam e novas práticas de acesso emergem, quando são lideradas por e para comunidades de pessoas com deficiência e centram em políticas anti-assimilacionistas (BERNE, 2015; HAMRAIE, 2017; HAMRAIE; FRITSCH, 2019; JIMMY, 2020; MINGUS, 2011; PAPALIA, 2018). Assumimos questões de pesquisa sobre como as comunidades com deficiência experimentam o acesso nas artes e como gostariam de experimentar o acesso nas artes, por meio de uma estrutura teórica informada pela noção de Hamraie (2017) de que o acesso deve ser encarado criticamente e sempre ter o potencial de ser um projeto crítico. Exploramos essas questões por meio de entrevistas, grupos focais e oficinas baseadas em artes na comunidade para entender como S/surdos, deficientes e loucos atualmente experimentam a acessibilidade e os “atritos de acesso” (HAMRAIE, 2017; HAMRAIE; FRITSCH, 2019) nas artes e quais são seus 'sonhos de acessibilidade', sobre como eles gostariam de experimentar o acesso no futuro. Orientamos nossas perguntas e sugestões de oficinas para encorajar os participantes a considerar a acessibilidade não apenas como um conjunto de logística direta investida na inclusão, mas também direcionado para a geração de novas possibilidades de criação e experiência artística e cultural – a acessibilidade como micro-atos de criação de mundos aleijados. Como se viu, muitos dos participantes de nossa pesquisa eram habilidosos em praticar a acessibilidade a fins anti-assimilacionistas, independentemente de nossas sugestões de oficina. O *Creative Users Project* (CUP), nossos parceiros comunitários neste projeto, estavam em processo de construção de uma plataforma digital através da qual pessoas com deficiência poderiam pesquisar eventos artísticos acessíveis em todo o Canadá⁶. E assim, essas conversas iniciais informaram o currículo para oficinas de co-design. Nestas oficinas, que aconteceram na segunda fase, a CUP envolveu artistas com deficiência em atividades através das quais eles elaboraram seus sonhos de acessibilidade enquanto trabalhavam juntos para moldar a experiência do usuário para esta nova plataforma digital, proporcionando aplicações reais e mundiais para essas conversas especulativas.

Como realizamos nossos grupos focais nos primeiros meses da pandemia, as respostas às perguntas sobre como nós e nossos co-pesquisadores participantes experimentamos

⁶ Para ver um protótipo desta plataforma, visite: <https://creativeusers.net/accessing-the-arts/>. Acesso em: 15 set. 2023.

atualmente o acesso às artes e como gostaríamos de experimentar o acesso no futuro foram atenuadas por circunstâncias que nunca poderíamos prever. Por exemplo, as conversas se concentraram amplamente na “digitalização” que estávamos experimentando no setor de artes, à medida que este mudou sua programação para plataformas digitais, como o Zoom, já que as medidas de proteção exigiam que ficássemos em casa, embora nem todos de nós podíamos devido a circunstâncias como insegurança habitacional e precariedade do trabalho, ou como, por exemplo, ser 'trabalhador essencial' sem acesso a licença doença remunerada ou programas de substituição de renda (NUNEZ, conforme citado por McRUER, 2021). A digitalização e as práticas culturais (deficientes) que ela solicitou criaram oportunidades para pessoas com deficiência acessarem eventos culturais remotamente, algo que muitos de nós há muito desejamos para expandir nosso acesso à cultura. No entanto, essas práticas muitas vezes falharam em atingir todo o seu potencial aleijado. Por exemplo, falando sobre como eles estavam acessando as artes na fase inicial da pandemia, os participantes co-pesquisadores observaram que os eventos transmitidos ao vivo muitas vezes não incluíam outros recursos de acesso padrão, como interpretação, legendas e áudio descrição na língua de sinais americana (American Sign Language -ASL). Observando uma perda de potencial, eles também apontaram que esses eventos não foram promovidos especificamente para S/surdos, pessoas com deficiência e comunidades de pessoas com transtornos mentais por meio da lista cultural de deficiência da CUP, *Network Connector*, e não foram descritos como eventos amigáveis para pessoas com deficiência ou aleijadas. Isso é significativo, visto que nossa pesquisa da ATA com comunidades de pessoas com deficiência sobre como elas acessam as artes revelou que, como a cultura normativa reforça a ideia de que as artes não são para nós, “muitas pessoas S/surdas e deficientes simplesmente assumem que as experiências artísticas não são para elas” (2021, p. 8). Os participantes também mencionaram quantos eventos perderam a oportunidade de incluir artistas S/surdos, deficientes e loucos em suas novas programações online, que tinham o potencial de serem mais acessíveis⁷ do que seus espaços físicos. Evidentemente, eventos transmitidos ao vivo, que antes da pandemia eram práticas de acessibilidade padrão no setor de artes S/surdo e deficiente, estavam sendo considerados práticas pandêmicas em vez de práticas aleijadas.

⁷ É importante observar que, embora os eventos online possam ser mais acessíveis para alguns, muitas pessoas não tiveram acesso a computadores e dispositivos digitais, sobretudo quando as bibliotecas públicas e universitárias foram fechadas no início da pandemia e muitos não tinham acesso à Internet, principalmente indígenas que vivem em comunidades do norte da Ilha Tartaruga.

“RELAXANDO AS REGRAS”: PRÁTICAS CULTURAIS PANDÊMICAS PARA PRÁTICAS CULTURAIS ALEIJADAS

Ignagni *et al.* (2020) distinguem entre “tempo pandêmico”, a forma como vivenciamos o tempo na pandemia, e “tempo aleijado”, um desafio às expectativas normativas e normalizadoras de ritmo e planejamento (KAFER, 2013, p. 27). Seguindo essa distinção, entendemos as práticas pandêmicas enquanto aquelas assumidas como uma resposta urgente ao que se espera ser uma crise temporária, e não como um compromisso sustentado de reencaminhamento de práticas normativas com o objetivo de tornar a cultura mais inclusiva para aqueles que são rotineiramente e sistemicamente omitidos sob regras culturais normativas. Refletir sobre essa distinção deixa claro para nós que, enquanto alguns se aproximavam da ruptura cultural que a pandemia oferecia como uma oportunidade de instituir outras práticas que mudaram a forma como nos (des)encaixamos no mundo, outros nos orientamos na direção de medidas paliativas que nos segurariam até que pudéssemos voltar aos negócios como de costume. Analisando como as noções de normalidade estão embutidas no reconhecimento de uma “emergência” e os desejos de retorno à normalidade solicitam respostas de emergência, Ellcessor (2022, p. 5) escreve: “o trabalho ideológico central da emergência, reforçado por sua constante mediação [tecnológica], é defender a existência de um estado “normal” das coisas e oferecer um caminho para restaurar tal normalidade. Claro, tal normalidade não está disponível universalmente; na medida em que a emergência é definida em termos de normalidade, ela consolida e amplia as desigualdades que marginalizam os muitos que são os mais vulneráveis”. Vemos isso acontecer no reconhecimento e nas respostas à emergência da pandemia: quando a pandemia ameaça a normalidade, ela é reconhecida como uma emergência e a resposta a essa emergência é motivada pelo desejo de retornar à normalidade, em vez de criar algo novo. Medidas paliativas são criadas para aproximar a normalidade, incluindo quem e como é excluído, até seu retorno. Nesse contexto, a micro-criação de mundos por e para pessoas com deficiência na forma de práticas culturais que emergem (ou adquirem nova relevância) com a pandemia, que não reproduzem a normalidade e devem ser mantidas após o fim desta, são entendidas como desnecessariamente subversivas ou complicadas na melhor das hipóteses e significantes estéticos de doença na pior. Com base no potencial dessas respostas de emergência que resistem à lógica normativa e assimilacionista, nossa pesquisa se interessou por como as “práticas culturais aleijadas” transformadoras podem usar a ruptura da normalidade para criar algo novo.

Uma das maneiras pelas quais os produtores culturais poderiam ter transformado práticas pandêmicas em práticas aleijadas teria sido integrar princípios de performances

relaxadas (RP) em seus eventos transmitidos ao vivo. As RPs, uma prática comum na cultura da deficiência, particularmente na cultura neurodivergente, convidam o público a estar no espaço do teatro de maneira a interromper as convenções normativas ao “relaxar as regras” (THOM, 2019; LAMARRE *et al.*, 2021, p. 189). O público é convidado a chegar atrasado, sair, voltar, falar em voz alta, movimentar-se e fazer o que quer quando deixamos “corpos serem corpos” (LAMARRE *et al.*, 2021; LAMARRE *et al.*, 2019; LAMARRE *et al.*, 2020). As produções que usam os princípios da RP normalmente incorporam modificações, como escurecer as luzes, reduzir os níveis de som e criar um “espaço chill out” para as pessoas escaparem da sobrecarga sensorial (LAMARRE *et al.*, 2021). Desde a pandemia, muitas pessoas têm assistido a eventos transmitidos ao vivo de espaços privados, como suas casas ou até mesmo suas camas – espaços onde as pessoas geralmente se sentem relaxadas. Como tal, eventos transmitidos ao vivo têm o potencial de se tornar RPs. Para transformar apresentações transmitidas ao vivo em RPs e convidar o público, artistas e performers a experimentá-las como tal, os produtores culturais podem modificar elementos específicos da produção, como eliminar avisos altos e luzes piscantes, fornecer avisos de gatilho e conteúdo, convidar o público a chegar atrasado, sair cedo, fazer pausas e ser como eles precisam em seus diferentes corpos para vivenciar o evento confortavelmente. Os produtores culturais também poderiam anunciar seus eventos como RPs para pessoas S/surdas, com deficiência e transtornos mentais; explicando ao público o que são RPs e suas possibilidades; e, é claro, adicionando outros elementos de acessibilidade, como interpretação na língua de sinais e descrição de áudio, como observaram nossos participantes da pesquisa. Além disso, os links do Zoom para eventos, especialmente aqueles administrados pela Eventbrite, muitas vezes são desativados após o início de um evento, impedindo chegadas tardias e entrada e saída de um espaço livremente, o que constitui uma característica fundamental dos RPs. Essas restrições, juntamente com o fracasso dos curadores e produtores em centrar as pessoas com deficiência, que buscam a liderança da deficiência e reconhecem o potencial de transformar práticas pandêmicas em práticas aleijadas, removeram o potencial crítico das RPs e deixaram de fora muitas pessoas que poderiam ter produzido e experimentado eventos artísticos.

Quando discutimos a oportunidade perdida para artistas e produtores culturais de tornar suas práticas pandêmicas acessíveis durante nossos grupos focais da ATA, muitos participantes expressaram sua frustração por pessoas com deficiência não serem consultadas quando, essencialmente, artistas e produtores estavam tentando tornar sua programação acessível a esta nova forma de estar no mundo a que todos estávamos nos acostumando. Reconhecendo que esses sentimentos expressam uma frustração coletiva, o Relatório de

Pesquisa da ATA (2021) observa que “muitos participantes de grupos focais expressaram a experiência surreal de ver a questão da acessibilidade tornar-se popular, mas ainda sendo deixados de fora da conversa, fazendo com que se sintam extra-marginalizados” (p. 8). Como um participante observou em um grupo focal, “ver como as coisas pelas quais as pessoas com deficiência lutaram durante anos foram cooptadas e usadas contra nós é desanimador”. Outro compartilhou,

Eu tenho falado repetidamente nos últimos dois meses [...] pessoas com deficiência sabem como lidar com esse tipo de coisa. E podemos trazê-lo de volta à arte também, assim como qualquer uma das técnicas de performance relaxada ou uma transmissão ao vivo de shows que você pode assistir de casa se for uma barreira sair de casa ou ter acesso ao transporte público; há tantas coisas dentro a comunidade de deficientes que sugerimos por tanto tempo.

Em uma época que a sabedoria aleijada é tão claramente exigida e necessária, os participantes notaram sua frustração em experimentar a cooptação de práticas aleijadas ao mesmo tempo em que tiveram sua sabedoria invisibilizada e, posteriormente, não solicitada na forma de trabalho remunerado, consultoria ou de outra forma. Além disso, orientando para as práticas culturais que surgiram durante a pandemia como temporárias, principalmente quando a pandemia acabou para alguns (aqueles que investem no retorno à normalidade e que podem fazê-lo com poucas consequências) mas não para todos (incluindo pessoas com deficiência que não podem arriscar adoecer devido a nossos corpos, condições de saúde e experiências de capacidade médica), reforça a noção de Ellcessor de que o que constitui uma emergência está profundamente entrelaçado com uma determinação hegemônica do valor humano (p. 3–4). Se as medidas de emergência respondem e são moldadas por uma perda potencial do que “nós” valorizamos como cultura, testemunhar as práticas pandêmicas como totalmente temporárias reforça a necropolítica aleijada. Vemos evidências disso quando líderes públicos, como um diretor do Centro de Controle de Doenças, comentam como são “notícias encorajadoras” que as pessoas com deficiência são desproporcionalmente afetadas pela pandemia para reforçar o apoio ao afrouxamento das medidas de proteção (WALENSKY, 2022). A necropolítica da pandemia torna-se impossível de negar. Agora, mais do que nunca, precisamos nos apegar a nossos micro-mundos aleijados para criar espaços de segurança enquanto navegamos na carga cultural em direção à normalidade.

PRÁTICAS CULTURAIS ALEIJADAS

À medida que exploramos as formas como nossos caminhos que acessam as artes estão mudando durante a pandemia e acompanhamos as consequências adversas de negligenciar a liderança de pessoas com deficiência e nossa sabedoria coletiva, estamos começando a prestar

atenção ao impacto da prática de acessibilidade por meio de uma perspectiva política e cultural da deficiência. Sem sabedorias e perspectivas aleijadas, como demonstra o exemplo de transmissão ao vivo sem RP, a eficácia das práticas de acesso pode ser comprometida, principalmente quando o foco e o investimento em acessibilidade são tornar as coisas “melhores para todos”, em vez de interromper a cultura normativa para torná-la mais acolhedora a pessoas com deficiência, ou então criar novos enclaves culturais (HAMRAIE, 2017).

À medida que refletimos nossas conversas com artistas S/surdos, deficientes e loucos e entusiastas das artes em relação às nossas experiências coletivas de práticas pandêmicas que falham em atingir todo o seu potencial aleijado, começamos a considerar as maneiras vitais que a “sabedoria aleijada” (LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, 2016), um desejo de deficiência (CHANDLER, 2018) e a engenhosidade aleijada moldam como a acessibilidade é praticada e para quais fins. Além disso, a maneira como as organizações culturais assumiram o acesso durante a pandemia - como temporária, como uma brecha - revelou o quanto nós, como cultura, estamos comprometidos em manter a ordem normativa das coisas. Pois, mesmo quando as circunstâncias nos obrigam a fazer as coisas de maneira diferente, encontramos maneiras de usar o acesso para nos apoderarmos da cultura normativa que está escapando de nós. Praticar a acessibilidade por meio de uma política antiassimilacionista e abolicionista a serviço da criação de outros mundos não é tão fácil quanto esperávamos. Agora entendemos que a liderança da deficiência ou, mais provavelmente, os debates, podem não ser suficientes para amenizar o poderoso impulso em direção à normalidade em meio a uma cultura normativa que está configurada para se reproduzir: todo o planejamento para PRs que pudermos reunir não importará se o organizador do evento esquecer de ler as orientações ou se a Eventbrite não permitir o recebimento do link do Zoom após o início do evento. Essas percepções nos levaram a considerar o quão radicais são nossas abordagens, práticas e esperanças de acessibilidade. Não apenas maneiras diferentes de praticar a acessibilidade, nossas práticas antiassimilacionistas e abolicionistas se comprometem a construir o acesso informado por uma visão de mundo aleijado que codifica/dissemina práticas de acessibilidade lideradas por sabedorias aleijadas, intencionalidade e desejo, e cercadas e apoiadas por outras práticas de dentro das comunidades de deficiência, como *check-ins* de acesso e planos para lidar com os inevitáveis “atritos de acessibilidade” que ocorrem (HAMRAIE; FRITSCH, 2019; HAMRAIE, 2017). Percebemos que o que pensávamos como práticas de acessibilidade eram, na verdade, *práticas culturais aleijadas*.

Práticas culturais aleijadas são práticas que emergem de comunidades S/surdas, deficientes e loucas que centram S/surdos, deficientes e loucos e sua sabedoria, e que mobilizam nossas políticas anti-assimilacionistas. Elas são os pilares da cultura aleijada e visam

influenciar e moldar a cultura normativa para torná-la mais acolhedora para deficientes, S/surdos e loucos em micro-atos de criação de mundos aleijados. As práticas culturais aleijadas incluem práticas de acessibilidade que são assumidas criticamente por meio de uma política antiassimilacionista e abolicionista, tornando o material um conhecimento aleijado e um sistema de valores, focando na disrupção sobre a inclusão. Desta forma, as práticas culturais aleijadas contribuem para criar mundos aleijados e são sustentadas em seu lembrete de que outro mundo é possível, mesmo que esse outro mundo não possa ser sustentado em meio às atuais condições de dominação. Nossa próxima seção dá um exemplo de práticas culturais aleijadas implementadas.

CENTRO DE DISTÂNCIA CRÍTICA PARA CURADORES: *DEMONSTRAÇÕES PÚBLICAS DE AFETO*

Em setembro de 2020, o Centro de Distância Crítica para Curadores (CDCC) em Toronto, Canadá, apresentou o Demonstrações Públicas de Afeto (PDA), uma série de *workshops* online que exploram práticas acessíveis de publicação artística “que considera os prazeres, desejos e interrupções de tornar as iniciativas de publicação artística mais acessível” (2020). Seu primeiro evento, um painel de discussão chamado “Cultura Aleijada e Experimentações Digitais”, apresentou Jessa Agilo, Aimi Hamraie e Yo-Yo Lin em discussão com Lindsay Fisher, da CUP. Em suas observações, Hamraie lembrou ao público que, apesar do conhecimento experimental e da criatividade encontrados nas comunidades S/surdas e deficientes, o acesso sempre esteve conectado à sabedoria aleijada e muitas vezes gerou micro-atos de construção de mundos. Hamraie (2020) falou sobre como, trabalhando em vários meios, as pessoas com deficiência sempre inventaram ferramentas e caminhos para a acessibilidade - desde a participação em movimentos sociais até a criação de acesso arquitetônico, a atuação como artistas e inventores, alguns sem nenhum treinamento formal (HAMRAIE, 2020; HAMRAIE; FRITSCH, 2019; HAMRAIE, 2017). Atos inventivos de construção de mundos aleijados e de criação de acessibilidade que são então assumidos por pessoas não deficientes muitas vezes não são reconhecidos como originários da sabedoria aleijada; ainda assim, apesar disso, a sabedoria aleijada e a micropolítica persistem.

Com base nessa história de criação de acessibilidade para focar nas formas como as pessoas com deficiência desenvolveram práticas de acesso nos estágios iniciais dos bloqueios do COVID-19, Hamraie discutiu como o *Critical Design Lab* (CDL), uma rede online desenvolvida por eles e outros designers com deficiência, começou a hospedar o *Remote Access: A crip nightlife gathering* [Acesso Remoto: um encontro aleijado da vida noturna]. *Remote Access* é um espaço online para eventos noturnos aleijados “com oportunidades para formas lúdicas e participativas

de produzir acessibilidade como uma prática cultural coletiva” (CRITICAL DESIGN LAB, 2020). A série aberta no Zoom mostra várias maneiras pelas quais as pessoas com deficiência “usam há muito tempo o acesso remoto como um método para organizar o prazer e o parentesco”, apresenta a DJ Who Girl (Kevin Gotkin) e obras de arte da palestrante Yo-Yo Lin (GOTKIN; HICKMAN; HAMRAIE, 2020).

Durante o painel, a artista taiwanesa-americana, performática e de novas mídias interdisciplinares, Yo-Yo Lin, descreveu sua arte para deficientes como explorando “as possibilidades de conexão humana no contexto de tecnologias emergentes e incorporadas” por meio de animação, objetos interativos e design de som (LIN; PCA, 2020). Seu projeto *Resilience Journals* [Diários de resiliência] examina os pontos de dados “suaves” e invisíveis da experiência da doença, e sua série *Rotations* [Rotações] centra a sonificação do corpo e a dança gerada pela deficiência. Por meio de um software de animação, codificação e webcams, Lin busca as diferentes maneiras pelas quais um corpo pode ser renderizado digitalmente “para ver se [ela] consegue corrigir o corpo em espaços digitais” (LIN; PDA, 2020). No trabalho de Lin, os problemas de conectividade digital, como o atraso e a falha, são conceituados como inerentes à cultura e à vida da deficiência. Em *Acesso Remoto*, Lin descreveu como ela colabora com Gotkin para criar diferentes vídeos de performance. Nessas colaborações, ela mistura vídeos de Gotkin com vídeos dela mesma se movendo pela área de trabalho do computador, onde aplica camadas e falhas para acompanhar uma faixa de Gotkin sobre a “falha” como estética da deficiência (LIN; PDA, 2020). Referindo-se à peça como uma “performance alegre”, o trabalho de Lin “cria” a estética do computador para a comunidade (LIN; PDA, 2020). Ela se concentra em construir espaços onde não há vergonha em se atrasar e sair — apenas na hora de estar (LIN; PDA, 2020). Ao questionar e oferecer simultaneamente novas ideias sobre criação de espaço, e o que isso significa nos reinos físico e digital, além de fusos horários e fronteiras, a prática artística de Lin trabalha para a presença e pontes no isolamento enquanto cria novos mundos para habitar (LIN; PDA, 2020).

Durante esta discussão, Lin e Hamraie falaram sobre relacionalidade enquanto descreviam como, enquanto cresciam, foram capazes de se conectar à comunidade de deficientes por meio da internet e que, dentro dessa comunidade, o digital pode assumir significados e sensibilidades aleijadas, tornando-se sobre colaboração, interdependência, flexibilidade, diferença e conexão (PDA, 2020). Hamraie discutiu como trabalhar para manter o equilíbrio e a lentidão no mundo digital pode mediar os elementos tóxicos e/ou exaustivos encontrados nele. Eles explicaram como os atritos entre corpos, tecnologia e o político podem criar uma relação ambivalente com a tecnologia para S/surdos e deficientes, pois o outro lado do

acesso digital é a vigilância digital por meio da coleta e padronização de dados (PDA, 2020). Nem totalmente emancipatórios nem exclusivamente opressivos, os espaços digitais podem se tornar um local de criação de micromundos e uma ferramenta e um portal para a comunidade deficiente. Lin falou sobre como pessoas com deficiência que passaram por deslocamento antes e durante a pandemia encontram um caminho para se conectar por meio do digital; e essa conexão salva e dá vida (PDA, 2020). Práticas pré-figurativas de arte e design, como as de Hamraie e Lin, que centram a sabedoria aleijada e o desajuste na criação de acessibilidade, forjam caminhos profundamente necessários para imaginar/conhecer o ser-no-mundo de maneira diferente; imaginações e relacionalidades que podem então se manifestar em espaços digitais e materiais.

A série PDA se interessou em como as práticas de publicação acessíveis voltadas para deficientes, que chamaríamos de práticas culturais aleijadas, perturbam e mudam as estruturas e práticas existentes. Os artistas e designers que fizeram parte deste painel aproveitaram a oportunidade para pensar sobre como o “acesso como uma prática cultural coletiva”, assumida por e dentro das comunidades da deficiência durante a pandemia, está criando novas possibilidades de conexão e intimidade em meio a isolamento - como as pessoas com deficiência sempre fizeram. A série *Rotation* de Lin fornece um rico exemplo da criatividade e estética que emergem através das comunidades digitais que estamos criando e vivendo enquanto ela se inclina para as disrupções tecnológicas do Zoom e outras plataformas digitais, usando-as para gerar uma nova estética aleijada. Avançar nessas falhas nos lembra que o Zoom e outras tecnologias não precisam funcionar perfeitamente para serem úteis em um sentido não assimilacionista e não normativo.

CONCLUSÃO

Neste artigo, demonstramos como a acessibilidade sempre foi engajada nas comunidades de deficientes como uma prática relacional e política. A prática de acessibilidade da performance relaxada (PR), por exemplo, é tanto relacional, na forma como é construída sobre considerações de como os corpos se unem em apoio e atritos, quanto política, na forma como eles se concentram em esculpir espaços onde a diferença é antecipada e desejada. No entanto, quando os produtores culturais adotam práticas de performance relaxada para tornar os espaços mais inclusivos, mas sem a noção a crítica do antiassimilacionismo, as pessoas com deficiência podem se tornar descentradas. Por exemplo, quando as apresentações descontraídas convidam os pais e as crianças a fazerem barulho e se movimentarem, mas sem a inclusão de um intérprete de língua de sinais ou de um áudio-descritor. Diferentemente, quando

a acessibilidade é tomada como uma prática cultural aleijada, ou seja, gerada pela sabedoria aleijada e voltada para a disrupção e transformação sobre a inclusão, pode construir espaços e possibilidades de se relacionar e conhecer a deficiência e a diferença corporificada de forma diferente.

As comunidades de deficientes há muito praticam a acessibilidade e atribuem à dominação capitalista o fracasso da criação de um mundo aleijado para influenciar a transformação em grande escala. E assim, quando a pandemia parecia interromper as formas normativas de ser, tínhamos esperança de que as práticas culturais lideradas por pessoas com deficiência contribuíssem para remodelar a cultura. E de certa forma, elas contribuíram. Mas, novamente, e como Hamraie aponta (2017; 2020), essas práticas foram cooptadas e não reconhecidas como originárias de sabedoria e epistemologia aleijadas (JOHNSON; McRUER, 2014), frustrando esforços e possibilidades de criação de mundos. De fato, nesta fase da pandemia, em 2022, o impulso para retornar à normalidade a todo custo, incluindo a necropolítica aleijada, deixando pessoas com deficiência morrerem e permanecerem isoladas e institucionalizadas enquanto o resto do mundo “reabre”, significa que não podemos nos dar ao luxo de nos afastar da criação de mundos aleijados. Por mais fútil que pareça, pensamos que, e temos experimentado como, práticas culturais aleijadas podem continuar a “criar segurança em um mundo inseguro” (BAUMAN, 2000, p. 7) dentro de enclaves aleijados e interações fugazes em que um desejo de deficiência anula o desejo de normalidade. E devemos persistir, como sempre fizemos, em influenciar nossos aliados a levar essas práticas e nossas epistemologias aleijadas para os espaços dentro dos mundos capacitistas, criando juntos momentos que fazem mundos em que as pessoas com deficiência podem viver.

REFERENCES

ARCH Disability Law Centre. Open letter: Ontario's triage COVID-19 protocol. **ARCH Disability Law Centre**. May 15, 2020. Available at: <https://archdisabilitylaw.ca/resource/open-letter-ontario-covid-19-triage-protocol/>. Accessed in: August 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Community: Seeking safety in an insecure world**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2013.

BERNE, Patty. Disability justice: A working draft. **Sins Invalid: An unashamed claim to beauty in the face of invisibility**. June 10, 2015. Available at: <https://www.sinsinvalid.org/blog/disability-justice-a-working-draft-by-patty-berne>. Accessed in: August 2022.

BRAND, Dionne. On narrative, reckoning and the calculus of living and dying. **Toronto Star**. July 4, 2020. P. 4. Available at: <https://www.thestar.com/entertainment/books/2020/07/04/dionne-brand-on-narrative-reckoning-and-the-calculus-of-living-and-dying.html>. Accessed in: August 2022.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? **Qualitative research in psychology**, v. 18, n. 3, 2020.

CALDWELL, Melissa L. Why people with disabilities are at greater risk of going hungry – especially during a pandemic. **The Conversation**. August 16, 2021. Available at: <https://theconversation.com/why-people-with-disabilities-are-at-greater-risk-of-going-hungry-especially-during-a-pandemic-156804>. Accessed in: October 2022.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Refusing able(ness): A preliminary conversation about ableism. **M/C Journal**, v. 11, n. 3, 2008.

CHANDLER, Eliza; IGNAGNI, Esther; COLLINS, Kimberlee. Communicating access, accessing communication (Dispatch). **Studies in Social Justice**, v. 15, n. 2, p. 230–238, 2021.

COLLINS, Kimberlee; JONES, Chelsea; RICE, Carla. Keeping relaxed performance vital: Affective pedagogy for accessing the arts. **Journal of Literary & Cultural Disability Studies**, v. 16, n. 2, accepted 2022.

CRITICAL DESIGN LAB. **Remote access**: A crip nightlife gathering. Available at: <https://www.mapping-access.com/remote-access>. Accessed in: July 2022.

AGILO, Jessa; FISHER, Lindsay; HAMRAIE, Aimi; LIN, Yo-Yo. Crip culture and digital experiments. **Critical Distance Centre for Curators PDA Series**. September 28, 2020. Online.

DAVIS, Lennard J. **The disability studies reader**. 5th ed. New York: Routledge, 2017.

DYSART, Taylor. The Ottawa trucker convoy is rooted in Canada's settler colonial history. **The Washington Post**. February 11, 2022. Available at: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2022/02/11/ottawa-trucker-convoy-is-rooted-canadas-settler-colonial-history/>. Accessed in: July 2022.

ELCESSOR, Elizabeth. **In case of emergency**: How technologies mediate crisis and normalize inequality. New York: New York University Press, 2022.

FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**. New York: Pantheon Books, 1978.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Misfits: A feminist materialist disability concept. **Hypatia**, v. 23, n. 3, p. 591–609, 2011.

GREEN, Kimberly Maul. Accessibility, Relaxed Performances, and Tourettesheros' Not I by Samuel Beckett. **BRIG Blog**. November 21, 2019. Available at: <https://www.bricartsmedia.org/blog/accessibility-relaxed-performances-and-touretteshero%E2%80%99s-not-i-samuel-beckett>. Accessed in: June 2022.

GOTKIN, Kevin; HICKMAN, Louise; HAMRAIE, Aimi. **Remote access**: Crip nightlife participation guide. Available at: bit.ly/RemoteAccessPartyGuide. Accessed in: June 2022.

HAMRAIE, Aimi. **Building access**: Universal design and the politics of disability. Minnesota: University of Minnesota Press, 2017.

HAMRAIE, Aimi; FRITSCH, Kelly. Crip technoscience manifesto. **Catalyst: Feminism, theory, technoscience**, v. 5, n. 1, p. 1–33, 2019.

HARTMAN, Saidiya. The end of white supremacy: An American romance. **Bomb Magazine**, 152. June 5, 2020. Available at: <https://bombmagazine.org/articles/the-end-of-white-supremacy-an-american-romance/>. Accessed in: August 2022.

HEDDLES, Claire. Dialogue: Disability Justice in the Time of COVID-19. **WUOT**. August 5, 2020. Available at: <https://www.wuot.org/post/dialogue-disability-justice-time-covid-19>. Accessed in: April 2022.

HENDREN, Sara. **What can a body do? How we meet the built world**. New York: Riverhead Books, 2020.

IRWIN, Rita; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tography as practice-based research. In: SPRINGGAY, Stephanie; IRWIN, Rita; LEGGO, Carl; GOUZOUASIS, Peter (eds). **Being with a/r/tography**. Leiden: Brill Publishers, 2008. p. xix-xxxiii.

JACKSON, Alecia Youngblood; MAZZEI, Lisa. **Thinking with theory in qualitative research: Viewing data across multiple perspectives**. Routledge, 2011.

JIMMY, Elwood; CHANDLER, Eliza. Temporality and Acces(sen)sibility: A push for a different relationship with time. **El Alto**. March 1, 2021. Available at: <https://elalto.wearethebritishcouncil.org/en/interview-elwood-eliza-en/>. Accessed in: March 2022.

JIMMY, Elwood. Access(sen)sibility. **Translation roundtable**. September 17, 2020. Available at: <https://www.artseverywhere.ca/translation/#jimmy>. Accessed in: March 2022.

JOHNSON, Merri Lisa; McRUER, Robert. Cripistemologies: Introduction. **Journal of Literary & Cultural Disability Studies**, v. 8, n. 2, p. 127-147, 2014.

JONES, Chelsea Temple; COLLINS, Kimberlee; RICE, Carla. Staging accessibility: Collective stories of relaxed performance. **Research in Drama Education: The Journal of Applied Theatre and Performance**, 2021.

JONES, Chelsea Temple; RICE, Carla; CHANDLER, Eliza; LAM, Margaret; LEE, Karen Kiwon. Toward TechnoAccess: A narrative literature review of disabled and aging experiences of using technology to access the arts. **Technology and Society**, n. 65, 2021a.

JONES, Chelsea; COLLINS, Kim; RICE, Carla; DION, Susan. **Relaxed Performance: Exploring University-based Training Across Fashion, Theatre and Choir**. A report prepared for the British Council Canada, Toronto, Ontario, p. 1-60, 2021b.

JONES, Chelsea; COLLINS, Kim; RICE, Carla. Relaxed Performance pedagogy: Teaching and learning beyond diversity agendas. **Critical Studies in Education**, under review.

SHANNON, David. Neuroqueer(ing) noise: Beyond 'mere inclusion' in a neurodiverse early childhood classroom. **Canadian Journal of Disability Studies**, v. 9, n. 5, p. 489-514, 2020.

KAFER, Alison. **Feminist, queer, crip**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

KELLY, Evadne; BOYE, Seike; RICE, Carla. Eugenics and epistemologies of ignorance in Ontario. In: PUNZI, Elisabeth; STEELE, Linda (Eds.) **Psychiatric and Disability Institutions after Deinstitutionalisation: Memory, Sites of Conscience, and Social Justice**. Vancouver: University of British Columbia Press, in press.

KELLY, Evadne; MANNING, Dolleen; BOYE, Seike; RICE, Carla; OWEN, Dawn; SHONEFISH, Sky; STONEFISH, Mona. Elements of a counter-exhibition: Excavating and countering a Canadian history and legacy of eugenics. **Journal for the History of Behavioural Sciences**, v. 57, n. 1, p. 12-33, 2021.

KLEIN, Gabriele; NOETH, Sandra. **Emerging bodies**: The performance of worldmaking in dance and choreography. Nova York: Columbia University Press, 2011.

KOVESI, Caroline. **"an't Nobody Even Spread Their Wings H"re": Thinking disability alongside environmental racism, collectively acquired impairments, and injustice in Flint, Michigan**. Toronto: York University, 2019.

LAMARRE, Andrea; RICE, Carla; BESSE, Kayla. Letting bodies be bodies: Exploring Relaxed Performance in the Canadian performance landscape. **Studies in Social Justice**, v. 15, n. 2, p. 184–208, 2021.

LAMARRE, Andrea; RICE, Carla; BESSE, Kayla. **Relaxed Performance**: A Snapshot. Summary of research on Relaxed Performance prepared for the British Council Canada, Toronto, Ontario, p. 1–16, 2020.

LAMARRE, Andrea; RICE, Carla; BESSE, Kayla. **Relaxed Performance**: Exploring Accessibility in the Canadian Theatre Landscape. A report prepared for the British Council Canada, Toronto, Ontario, p. 1–84, 2019.

LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, Leah. **The Future Is Disabled**: Prophecies, Love Notes and Mourning Songs. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2022.

LAKSHMI PIEPZNA-SAMARASINHA, Leah. Sins Invaids's 'Birthing, Dying, Becoming Crip Wisdom' features crip art, activism, love & liberation. **Autostraddle**, 2016. Available at: <https://www.autostraddle.com/sins-invalids-birthing-dying-becoming-crip-wisdom-features-crip-art-activism-love-and-liberation-354749/>. Accessed in: June 2022.

LAM, Margaret; RICE, Carla; EL KADI, Rana; CHANDLER, Eliza; FISHER, Lindsay. **Accessing the Arts Community Report**. April 16, 2021. Available at: <https://creativeusers.net/static/d6bb275f255492d4917a74ab93707ddc/2021-Final-ATA-Report.pdf>. Accessed in: June 2022.

LENNARD, Natasha. Can the left learn from Canada's "Freedom Convoy"? **The Intercept**. February 16, 2022. Available at: <https://theintercept.com/2022/02/16/canada-protests-freedom-convoy-ottawa/>. Accessed in: April 2022.

LIN, Yo-Yo; GOTKIN, Kevin; BROWN, Pelenakeke. **Vital Capacities bios**. Available at: <https://vitalcapacities.com/presents/03/bio.html>. Accessed in: October 2021.

LUNSKY, Yona. **People with disabilities put at risk by COVID-19 triage and vaccination priorities**. February 15, 2021. Available at: <https://theconversation.com/people-with-disabilities-put-at-risk-by-covid-19-triage-and-vaccine-priorities-154741>. Accessed in: February 2022.

MICHALKO, Rod; TITCHKOSKY, Tanya. **Rethinking normalcy**: A disability studies reader. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2009.

McRUER, Robert. **Disability art on lockdown with Robert McRuer**. School of Disability Studies, Toronto Metropolitan University (YouTube). 2021. Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=wcFYRy8fnBE>. Accessed: June 2022.

MINGUS, Mia. Changing the framework: Disability justice. **Leaving Evidence**. February 12, 2011. Available at: <https://leavingevidence.wordpress.com/2011/02/12/changing-the-framework-disability-justice/>. Accessed in: June 2022.

MINGUS, Mia. You are not entitled to our disabled deaths: COVID, abled supremacy, and interdependency. **Leaving Evidence**. January 16, 2020. Available at: <https://leavingevidence.wordpress.com/?s=covid+19>. Accessed in: July 2023.

MUSSELL, Linda. The end of the 'freedom convoy' in Ottawa: Why rejoicing when occupiers get arrested isn't the answer. **The Conversation**. February 18, 2022. Available at: <https://theconversation.com/the-end-of-the-freedom-convoy-in-ottawa-why-rejoicing-when-occupiers-get-arrested-isnt-the-answer-177498>. Accessed in: April 2022.

PAPALIA, Carmen. An accessibility manifesto for the arts. **Canadian Art**. January 2, 2018. Available at: <https://canadianart.ca/essays/access-revived/>. Accessed in: April 2022.

RANCIERE, Jacques. **The politics of aesthetics**. London: Bloomsbury Publishing, 2013.

RICE, Carla; RILEY, Sarah; LAMARRE, Andrea; BAILEY, Alysse. What a body can do: Rethinking body functionality through a feminist materialist disability lens. **Body Image**, n. 38, p. 95-105, 2021a.

RICE, Carla; JONES, Chelsea Temple; WATKIN, Jessica; BESSE, Kayla. Relaxed Performance: An ethnography of pedagogy in praxis. **Critical Stages/Scènes critiques**, n. 22, p. 1-19, 2021b.

RICE, Carla; CHANDLER, Eliza; HARRISON, Elisabeth; CROFT, Lacey. Access after COVID: How disability culture can transform life and work. **The Monitor**. Ottawa: Canadian Centre for Policy Alternatives, 2021c.

RICE, Carla; DION, Susan; CHANDLER, Eliza. Decolonizing disability and activist arts. **Disability Studies Quarterly**, v. 41, n. 2, 2021.

RICE, Carla; BAILEY, Alysse; COOK, Katie. Mobilizing interference as methodology and metaphor in disability arts inquiry. **Qualitative Inquiry**, p. 1-13, 2021e. [First Published 21 Sep 2021].

RICE, Carla; JONES, Chelsea Temple; MÜNDEL, Ingrid. Slow story-making in urgent times. **Cultural Studies, <=> Critical Methodologies**, v. 22, n. 3, p. 245-254, 2022.

RICE, Carla; TEMPLE JONES, Chelsea; MÜNDEL, Ingrid; DOUGLAS, Patty; FOWLIE, Hannah; FRIEDMAN, May; HARRISON, Elisabeth; HUNTER, Devon; KELLY, Evadne; KRITH, Madelaine; MERRAI, Sonia. Stretching Our Stories (SOS): Digital worldmaking in troubled times. **Public Journal**, 2022.

RICE, Carla; CHANDLER, Eliza; HARRISON, Elisabeth; FERRARI, Manuela; LIDDIARD, Kirsty. Project Re-Vision: Disability at the edges of representation. **Disability & Society**, v. 30, n. 4, p. 513-527, 2015.

SIMPSON, Leanne Betasamosake. **As we have always done**: Indigenous freedom through radical resistance. Minneapolis: U of Minnesota Press, 2017.

SWAIN, Gloria. The healing power of art in intergenerational trauma. **Canadian Journal of Disability Studies**, 2019.

VIZENOR, Gerald. Aesthetics of survivance: Literary theory and practice. In: VIZENOR, Gerald. **Survivance: Narratives of native presence**. University of Nebraska Press, 2008. p. 2-23.

WALENSKY, Rochelle. CDC director responds to criticisms on COVID-19 guidance. **Good Morning America**. January 10, 2022. Available at: <https://www.goodmorningamerica.com/news/video/cdc-director-responds-criticisms-covid-19-guidance-82131389>. Accessed in: April 2022.

WILLIAMSON, Bess. **Accessible America: A history of disability and design**. New York: New York University Press, 2019.

Recebido em 16 de agosto de 2022.
Aprovado em 19 de junho de 2023.